

Assembleia Municipal de Arcos de Valdevez

Sessão extraordinária de 25 de Abril de 2024

Senhor Presidente da Assembleia Municipal,

Sr. Presidente da Câmara Municipal e respectiva Vereação,

Srs. Deputados Municipais e Presidentes de Junta de Freguesia,

Minhas Senhoras e meus Senhores, comunicação social presente e trabalhadores do município.

O 25 de Abril foi uma Revolução libertadora que devolveu a liberdade e a democracia ao povo português. Com o 25 de Abril revolveu-se a vida no País e, por isso mesmo, não há faceta ou pormenor que o resumam – a revolução foi, no seu desabrochar imediato, uma explosão de liberdade, é certo, mas que não perduraria se, de imediato nuns casos, noutros a breve trecho, não imprimisse em todos os demais aspectos da vida a marca que lhe garantiu e garante sustentação.

Às operações programadas e depois executadas, na madrugada, pelos Capitães de Abril (grupo de militares em que predominava a patente de capitão) e que desarmaram o regime opressor, associou-se a manhã de ruas e praças de gente, pessoas que ali e então se sentiram verdadeiramente cidadãos, com o poder efetivo de mudar o rumo do seu País.

E, gritando, exprimiram livremente o que pensavam.

Liberdade de pensamento e de expressão sim, mas também liberdade de organização e de luta. Luta por mais pão, luta por saúde, educação, habitação e justiça para todos. Com avanços e recuos, melhores ou piores resultados, mas sempre em confronto com as ideias e as práticas do passado e quase sempre em rutura total com elas. O que está por cumprir ou realizar não é responsabilidade de Abril, mas dos que nunca se conformaram com o que teve de mais avançado, transformador e progressista e tudo têm feito para empobrecer ou mesmo amputar expressões dessa dimensão.

Comemorar Abril exige afirmar o que a Revolução representa e expressa enquanto processo libertador com profundas transformações na

sociedade portuguesa e um dos mais altos momentos da vida e da história do povo português e de Portugal.

Comemorações em que é imperativo não deixar submergir o que ela foi e representou na avalanche interpretativa dos que lhe negam a sua natureza, alcance e características ímpares. Celebrar Abril é evidenciar o que foi o fascismo e combater o seu branqueamento, é destacar a luta anti-fascista, pela liberdade e a democracia. Celebrar Abril é assinalar o seu sentido transformador e revolucionário, não rasurar a memória colectiva que o envolve, afirmar o caminho que o tornou possível, rejeitar as perversões e falsificações históricas, denunciar os que o invocam para o amputar do seu sentido mais profundo, sublinhar o que constitui hoje de valores e referências para um Portugal desenvolvido e soberano que décadas de política de direita têm contrariado.

Por mais que reescrevam, Abril foi uma revolução, não uma "evolução" ou "transição" entre regimes, um momento e um processo de ruptura com o regime fascista, o derrube do fascismo e do que o suportava.

Abril foi possível porque é fruto de uma longa resistência antifascista, de uma abnegada dedicação à luta pela democracia e liberdade de comunistas e de outros democratas, de uma intensa luta de massas da classe operária, da juventude, do povo.

Comemorar Abril, é assinalar e afirmar o Poder Local democrático como uma das suas conquistas.

Abril foi e é um processo libertador desde logo ao dismantelar e substituir os centros de poder em que a força e a acção do passado fascista assentavam.

Foi pela acção revolucionária e transformadora das populações que o aparelho fascista de administração local foi substituído por órgãos de poder provisórios, legitimados pelas populações, e, consequentemente, se desenhou um poder autónomo novo que veio a merecer consagração na Constituição da República.

Comemorar Abril é defender e valorizar o poder local e a sua autonomia, financeira e administrativa, hoje ameaçada, pelo subfinanciamento associado a uma transferência de encargos, pela ingerência tutelar e de mérito, pela instrumentalização que o reconduz, em parte, a mero executor técnico das opções de terceiros.

Comemorar Abril é exigir que se cumpra a Constituição e o que ela consagra e determina quanto à criação de regiões administrativas completando assim o edifício do poder local com o nível regional a par

dos municípios e freguesias que está por cumprir. Comemorar Abril é afirmar e defender o Poder Local no que tem de mais avançado e democrático nas suas expressões de participação, pluralidade e colegialidade.

Comemorar Abril é devolver ao povo as freguesias liquidadas contra a sua vontade, repondo a proximidade, participação e representatividade que elas materializam.

O Poder Local Democrático continua vivo e com energia bastante para resistir e se regenerar se essa for a vontade dos que, nos seus órgãos, se dedicam à causa pública e se souberem juntar-lhe as mil vontades dos cidadãos que representam.

Saudamos hoje o 50º aniversário do 25 de Abril e o inestimável património de transformações económicas, sociais, culturais e políticas que o materializam.

Reafirmamos o espírito de serviço público que, há 50 anos, animou aqueles que tomaram nas suas mãos a condução das políticas locais a benefício das populações e cuja ação deixou marca indelével no Poder Local.

Defenderemos o Poder Local Democrático, a sua autonomia e capacidade de realização, reafirmando Abril em cada dia de trabalho e de luta.

É hora de exigir a criação das regiões administrativas sem mais demoras e processos dilatatórios, dar concretização ao processo de reposição das freguesias liquidadas.

Exortamos hoje, a que os órgãos representativos da autarquia contribuam para afirmar os valores de Abril e as suas conquistas e transmitir às novas gerações o que ela representou de acto de emancipação, democracia e liberdade.

É, pois, com sentido de responsabilidade e orgulho que saudamos aquela que é já hoje uma das datas maiores da história do Povo Português.

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal livre e democrático

O Eleito da CDU

Emília Vasconcelos

A2-1

**ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ARCOS DE VALDEVEZ
DE 26 DE ABRIL 2024**



[Handwritten signature]

SESSÃO SOLENE SOBRE A COMEMORAÇÃO DO 25 DE ABRIL DE 1974

Exmº Senhor , Presidente da Assembleia Municipal

Exmº senhores secretários da mesa

Exmº Senhor Presidente da Câmara Municipal e senhores vereadores

Senhoras e senhores deputados.

Faz agora cinquenta anos que um grupo de militares liderados por jovens oficiais das Forças Armadas provocaram a queda do último governo do designado Estado Novo liderado pelo Prof. Marcelo Caetano, abrindo as portas a um novo ciclo da história de Portugal.

Celebrar abril, é celebrar a liberdade e a possibilidade de os cidadãos melhor escolherem o que pretendem para um país que se quer desenvolvido, justo e fazendo parte da comunidade internacional.

Deu-se início ao processo de democratização com a criação dos partidos políticos, e a consolidação das instituições e respetivos órgãos representativos.

Ao mesmo tempo avançou-se com o processo de descolonização com a independência das colónias de África, e ao estabelecimento de relações preferenciais com os novos países saídos da independência.

O país encontrava-se deficitário no ensino universitário, no sistema de saúde e em infraestruturas importantes como falta de estradas, redes de abastecimento de água e saneamento, requalificação das zonas urbanas.

Com o passar dos anos e após mudanças profundas a que todos assistimos, hoje o país já não é o mesmo, está diferente, desenvolveu-se em muitos aspetos mas temos de parar e refletir sobre o presente, com um grande descontentamento entre as populações e ao recrudescer de movimentos extremistas.

Analisando setores que são os pilares de uma democracia, temos na educação os professores a lutar por melhores condições de trabalho: Greves sucessivas nas escolas e um ensino que se adia e não cumpre a sua principal missão que é preparar os jovens para o futuro. Cada vez mais temos uma escola que dá muitos diplomas, mas falha na transmissão do conhecimento.

Na justiça há uma nítida perceção de que há uma justiça branda para os ricos e outra penalizadora para os pobres. Todos os dias somos confrontados com verdadeiros escândalos que afetam a credibilidade do regime e é caso para perguntar para quando o fim das desigualdades que acontecem de uma forma descarada como se tudo fosse

normal. Os poderosos conseguem através de grandes gabinetes de advogados, protelar até à prescrição os processos de que são alvo, desacreditando os tribunais.

A corrupção outro mal que enferma a sociedade portuguesa, atinge todos os níveis da organização do Estado e não se vislumbra maneira de pôr cobro a este mal-estar instalado que mina a sociedade.

Os jovens continuam a ter de emigrar porque no país onde vivem não encontram condições para exercerem a profissão para a qual foram preparados. Não se desenvolveram os setores mais especializados que pudessem proporcionar trabalho devidamente remunerado, e os melhores anos produtivos são dados em benefício de outros países.

A nova Constituição da República saída do pós 25 de Abril e que foi aprovada na Assembleia da República de 2 de abril de 1976, consagra no art. 65, o direito à habitação. Pouco se tem realizado para contrariar o nível de escassez de habitações disponíveis a preços que se adequem às famílias portuguesas. Com os salários que se praticam em Portugal, as populações não têm acesso a uma habitação condigna sobretudo os jovens que queiram constituir família. É caso para dizer que o setor está paralisado.

A formação do Serviço Nacional de Saúde foi uma das grandes conquistas de abril e hoje confrontamo-nos com uma degradação nunca vista. Nos anos a seguir à revolução, tivemos uma implantação por todo o país de redes de centros de saúde, hospitais distritais e regionais incluindo profissionais de saúde que permitiram resolver a necessidade de acesso das populações a cuidados de saúde. Hoje, contudo, assistimos à falta de médicos, enfermeiros e pessoal auxiliar, pondo em causa o funcionamento do sistema de saúde sem que para tal, os sucessivos governos tenham resolvido estas carências.

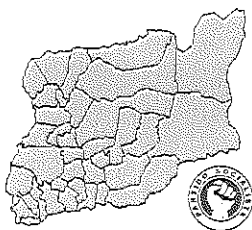
Temos de repensar o percurso realizado até aos dias de hoje. A liberdade, a democracia, e o Estado Social só é possível na sua plenitude, com um país desenvolvido, e autónomo, criando mais-valia que possibilitem a distribuição de riqueza a todas as franjas de população.

Por isso é sempre útil e necessário combatermos o que está mal e não devemos ficar indiferentes ao que se passa à nossa volta e assim, evocar e afirmar os ideais e valores que estiveram na formação e concretização do 25 de abril.

Viva o 25 de abril.

Arcos de Valdevez 25 de abril de 2024

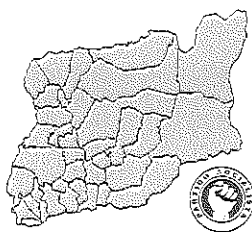
O Grupo Municipal do CDS/PP



Sessão Solene da Assembleia Municipal de Arcos de Valdevez – 25 de Abril de 2024

Comemoração dos 50 anos do 25 de abril de 1974





Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Senhor Presidente da Câmara Municipal

Senhoras e senhores Vereadores

Senhoras e Senhores Presidentes das juntas de freguesia e das uniões de freguesia do concelho de Arcos de Valdevez

Senhoras e senhores convidados

Senhoras e senhores eleitos nesta Assembleia Municipal

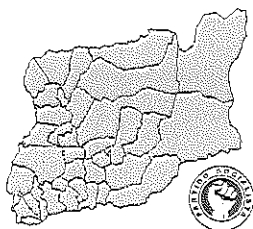
Celebramos 50 anos da Revolução de 25 de Abril, celebramos o reencontro de Portugal com a liberdade, com a paz, com o desenvolvimento, com o futuro.

As primeiras palavras são necessariamente de saudação profundamente grata aos Capitães de Abril e em todos eles saudar os militares que nesse dia único e irrepetível, *inicial e limpo*, como Sophia imortalizou, assumiram o amor à liberdade e correram, por nós o risco da vida.

Este seu gesto de ruptura com um sistema de opressão e de injustiça, de ruptura com o conformismo e com a submissão, foi e é, um feito que se inscreveu na história do nosso país, na história de cada um de nós, particularmente para aqueles que hoje, com 50 anos e menos, não têm memória própria do que antes era o quotidiano de um regime fascista e opressor.

Esta geração de 50 e poucos anos que desfilou empoleirada nos ombros do pai ou dos avós no primeiro de maio comemorado em liberdade com os olhos postos na esperança, na dignificação do trabalho, num primeiro de maio onde se encontravam todos na rua e celebravam os direitos, as liberdades, as garantias. Um dia inédito de companheirismo, fraternidade e alegria.





Uma geração que frequentou a escola pública, universal, laica, para todos, quando em simultâneo alguns avós, aprendiam as mesmas letras com os netos, mas que agora podiam ler, e com aquela idade, crescer como gente. E sobretudo sentirem-se tão felizes por perceberem que saber é poder, conhecimento é poder e que a igualdade de todos é construída na escola.

A escola, a educação, o maior investimento, o maior elevador social. o maior instrumento de qualificação e habilitação coletivas para individualmente cada um ser melhor.

Esta geração que assistiu à inauguração de hospitais, postos médicos, ao serviço de periferia médica No interior do país, porque a distância não podia ser impeditivo de acesso à saúde em condições de igualdade para todos.

Esta geração cujos avós e pais foram os primeiros beneficiários de uma proteção social que o Estafo pode e deve prestar, através da Segurança Social.

Esta geração que viu o cais da Rocha Conde de Óbidos inundado de gente a ser descarregada como mercadorias, perdas, sem raízes, sem casa, sem identidade a quem chamavam depreciativamente retornados quando alguns retornavam à Terra e outros tinham-na acabado de deixar porque nunca conheceram antes a metrópole

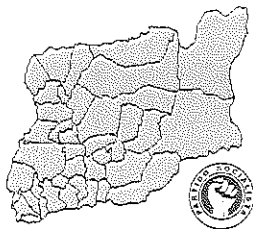
Esta geração que os pais ou os tios ou um primo estiveram no ultramar, esse território distante que roubava vidas, juventudes, sonhos, alegrias para justificar um Império sem sentido, sem razão, anacrónico, desigual, injusto

Esta geração que não viveu a violência de uma guerra que deixou de existir de um momento para o outro e que deixou os soldados sem chão.

Esta geração que já só tem a memória do tio, do pai ou do primo que deu o salto para França e que trazia nas férias sinais de abundância, querendo com isso disfarçar a mágoa da fuga de um país que os tinha condenado à guerra, ou a pobreza ou a miséria de não terem um futuro digno.

Esta é também a geração que já não tem memória que as suas mães não podiam sair para o estrangeiro ou trabalhar no comércio, sem o indigno consentimento dos maridos, que não podiam ter conta bancária ou exercer profissões como a Magistratura pela simples razão de ser mulher.





Esta é a geração que já leu as notícias dos jornais na íntegra, que tratou todas as músicas de Zeca Afonso, que viu filmes e leu livros, sem a censura prévia do lápis azul.

É a esta geração e todas as que se seguiram e hoje fruem do regime democrático que não podem permitir a reconstrução ou, a recriação do passado. É que O passado pode ser reconstruído de muitas maneiras. O que recordamos está constantemente a ser mudado, nessa luta da Memória contra o esquecimento de Milan Kundera falava, e é por isso que, tal como num encontro de ex-combatentes devemos sempre reiterar a determinação de não deixar desaparecer o passado e de permanecer atentos, muito atentos na defesa dos valores da revolução de abril, da liberdade, da democracia, dos direitos cívicos, sociais e culturais, do desenvolvimento, do progresso, da igualdade.

A revolução do 25 de Abril foi a alvorada da vida em democracia, do pluralismo, da tolerância, do diálogo, da cooperação.

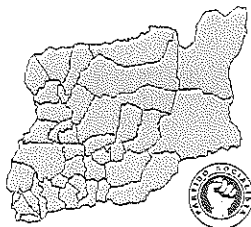
E foi também a alvorada para um tempo novo de paz com os nossos países irmãos africanos, a quem nos une séculos de história em comum, incluindo uma guerra insane e que também por essa razão nos faz olhar o mundo com apreensão ainda maior perante as actuais atrocidades da Guerra em a Gaza ou nas cidades e campos da Ucrânia.

A revolução do 25 de Abril trouxe-nos a esperança de futuro, digno, ambicioso. E como portugueses, como povo resiliente e determinado, estabelecemos as pontes para nos afirmarmos na Europa, na NATO, na CPLP, enfim no mundo. Somos um país de gente diversa, que conhece bem a emigração e a migração. Conhecemos os riscos, o desafio e a motivação, por vezes d3 muito sofrimento. Também por isso não nos podemos calar perante os movimentos de refugiados. O seu desespero perante a opressão, a miséria, o não futuro de milhares de seres humanos tem de ter resposta solidária dos países e instituições planetárias.

A globalização não pode ser só uma regulamentação de procedimentos e actividades económicas a uma escala mundial. Tem de ser o motor de uma maior cooperação humanitária, de investimento com regras. Tem de ser o incentivo para a prática democrática por todos, no respeito dos direitos mais elementares.

A Revolução de Abril foi a conquista Da separação dos poderes, com a efectiva independência da justiça que não pode, em circunstância alguma, sob que pretexto for, ser posta em causa e retroceder a um tempo em que os tribunais validavam uma decisão política.





A revolução de Abril foi a conquista da descentralização de serviços e equipamentos para um país mais coeso e justo e que hoje reclama mais. Reclama entidades com descentralização política eficaz, financeiramente sustentadas e dotadas de competências que lhe permitam assegurar a concretização política de desenvolvimento harmonioso de todo território, de toda uma população. Reclama a regionalização, desígnio constitucional novamente adiado por este Governo ecém-eleito que não o inscreveu no seu programa assumindo, por isso, que não o fará.

A Revolução de Abril foi a conquista da igualdade, a igualdade plena. De género, de oportunidades escolares, profissionais, mas também a igualdade nos territórios e nas comunidades. Nenhum democrata aceita um país A duas ou mais velocidades, como também não pode haver um concelho a duas ou mais velocidades. Mas ainda há. Em Arcos de Valdevez as assimetrias perduram, nas acessibilidades, nas vias, no saneamento, na higiene urbana, nos equipamentos, nas infra-estruturas.

A Revolução de Abril foi também a alvorada do diálogo, da cooperação, do consenso.

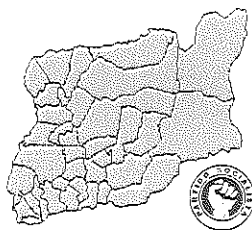
A maturidade democrática de uma comunidade mede-se também pela tolerância e respeito à perspectiva do outro. Pelo envolvimento, pela participação de todos. Tanto que pugnamos pela descentralização das sessões dos órgãos municipais. Para estarem mais perto, eleitos e eleitores, para que se perceba o debate, a perspectiva, a pluralidade. Aos poucos, lá vamos fazendo esse caminho.

Mas não nos resignamos a estar fechados ao mundo, nesta sala, quando poderíamos estar no ecrã de qualquer telemóvel, no auricular de qualquer arcuense. Por este concelho, país ou na diáspora que tanto significado tem para nós. A política é pública, tem de ser pública, assumida, sem tibiezas, nem constrangimentos. A imagem de um político é pública, não é sua e a sua voz ergue-se num debate de todos. Não há nenhuma razão politicamente válida para não termos transmissão on line das sessões dos órgãos autárquicos. Só o medo do confronto, do conhecimento, da informação podem justificar.

O 25 de Abril Foi o dia em que todos nos encontramos, como definiu o Presidente Jorge Sampaio.

E que nos encontramos com a democracia, sendo que a construção da democracia é difícil. É um processo diário, de consenso, mais do que de maioria, de diálogo, de cooperação. É um processo complexo e simultaneamente frágil, hoje mais do que nunca sob o ataque dos radicais e populistas.





O populismo não se revê na democracia. Os populistas não gostam do debate, do consenso. São sectários. Maniqueistas. Com pensamento único. Estejamos atentos, todos, porque este é mesma uma missão de todos e de todas.

Em especial dos autarcas, hoje justamente homenageados. Sem autarcas não existiria democracia. Os autarcas são o símbolo da democracia. O autarca é eleito, vai a votos, apresenta propostas concretas, bate-se por elas. O autarca sabe que não pode agradar a todos mas não desiste do seu propósito de reunir o consenso, de articular soluções com todos: com as oposições, com o Estado, com as empresas, ipss, associações, escolas e com quem mais tiver de ser. O autarca é corajoso, resiliente, determinado, transformador. Usa a democracia para modificar a sua comunidade para melhor.

Bem hajam todos! Independentemente de cada força política que representem, bem hajam. a democracia é isto. Pluralidade, diversidade, liberdade para argumentar, para divergir, para crescer, para desenvolver, projectar.

E por isso termino deixando um projecto, uma proposta de apreço, de reconhecimento, gratidão e memória. Hoje homenageamos os ex-combatentes numa cerimónia junto ao memorial cheio de significado. Que no próximo ano possamos homenagear também os homens e mulheres de Abril, militares e civis que se uniram neste movimento único e irrepetível de devolução da democracia aos portugueses e a Portugal assinalando na toponímia arcuense a figura maior da Revolução de Abril, Salgueiro Maia. É justo, é devido e é muito, mas mesmo muito merecido.

25 de Abril Sempre Fascismo nunca mais

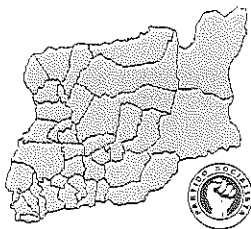
Viva o 25 deAbril

Viva Arcos de Valdevez

Viva Portugal

que mais tarde nos trouxeram Abril, que o têm mantido e defendido, o direito de votar em liberdade e da mesma forma livre se poder abster, este direito à escolha não teria nunca existido.





Se não tivessem sido os políticos, os democratas, progressistas e solidários não haveria o direito à saúde, à educação, à justiça, ao ambiente;

Se não tivessem sido os políticos não existiria o projecto Europeu, o desenvolvimento sustentável, solidário entre povos e países, nunca teriam sido tomadas as decisões que alavancaram crescimento económico e realização de riqueza.

É, por estas e muitas outras razões, que nós, os políticos, continuamos a ser imprescindíveis ao funcionamento da democracia e à realização do Estado Social, à regulação da Economia e à afirmação da cidadania individual num espaço comum a todos

Arcos de Valdevez, 25 de abril de 2024

Grupo Municipal do Partido Socialista de Arcos de Valdevez



Assembleia Municipal de Arcos de Valdevez
Comemorações do 50º Aniversário do 25 de Abril
de 1974

Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Senhor Presidente da Câmara Municipal

Senhoras Vereadoras e Senhores Vereadores

Senhoras e Senhores Membros da Assembleia
Municipal

Senhoras e Senhores Presidentes de Junta de
Freguesia

Caras e Caros Munícipes,

Senhoras e Senhores Convidados

E depois do adeus

(...)

Começo como começou abril, na voz de Paulo de Carvalho.

Não tive até hoje,

aqui me confesso,

maior honra na vida pública do que representar o PSD nos 50 anos de abril, no concelho que me viu nascer e crescer, e que me deu tanto.

Obrigado aos meus companheiros pelo privilégio.

Nos ombros, e nas palavras, carrego a nobreza de ação de cada mulher e homem que, ao longo destes 50 anos (48 em eleições) dedicaram o seu esforço e empenho,

os quais jamais caberiam nas minhas palavras.

No Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Dr. Francisco Rodrigues de Araújo,

No Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. João Manuel Esteves,

E nos dignos representantes de cada um dos Partidos
que integram esta Assembleia,

Recordo todos.

A sua ação, a sua missão, e o seu entusiasmo na
entrega pela comunidade.

Fizeram o abril que eu conheço.

Não conheço outro.

Obrigado a todos eles.

Neles recordo a coragem inigualável dos capitães,

E recordo aqueles que lideraram os 4 partidos pilares
da democracia:

A resistência à censura e à tortura de Cunhal;

A intransigência absoluta e a luta incondicional
pelos Partidos e pela liberdade de Soares;

A coragem na rutura de Sá Carneiro;

E a convicção democrática de Freitas do Amaral.

Os partidos são a base da democracia que
desenvolvemos.

Partidos fracos darão, impreterivelmente, democracias
fracas. Essas são, por definição, a falência de abril, do
legado maior que nos deixaram.

O que é abril?

Diz aos nossos filhos: se alguma coisa correr mal, eu fiz isto por eles!

Na voz dos capitães, este era o propósito.

Pergunto:

- Nós, que somos os seus filhos, percebemos este abril que nos deixaram?
- E nós, para os nossos filhos, que abril vamos deixar?

- Sobre a primeira,

se percebemos este abril que nos deixaram,

(Esta é a madrugada que eu esperava)

O dia inicial inteiro e limpo

Onde emergimos da noite e do silêncio

E livres habitamos a substância do tempo

Olhemos o nome das coisas (de Sophia),

Onde é que livres habitamos a substância do tempo?

Abril cumpre-se, e abril desafia-se.

Paz (e a guerra!), pão, habitação, saúde, educação.

Cumpre-se abril em todas estas dimensões.

Não são estáticas, nem estão, por definição, alguma vez cumpridas. Os desafios mutam-se e as sociedades transformam-se para os vencer – esse é espírito de abril.

Cumpre-se na malha que protege os mais frágeis.

Cumpre-se na **igualdade** (de género, de etnia, de raça, de orientação sexual)

Abril cumpre-se na coesão territorial.

Senhoras e Senhores,

Num território que fica demasiado longe de Lisboa para que o poder central o considere, estaríamos condenados a pouco mais do que nossa condição de nascença, não fosse o poder local que abril deu ao Povo.

E abril acontece nas coisas mais simples.

Permitam-me que vos conte uma memória.

No cruzamento da R. Dr. Vaz Guedes com a R. Padre Himalaia está o edifício a que carinhosamente (eu e a minha geração) chamamos antiga biblioteca.

Não raras vezes,

no final das aulas,

em dias de tarde livre,

eu, o meu irmão, primos e muitos amigos, que nos juntávamos por ali, acabávamos neste belo edifício a estudar, a responder aos desafios que a Escola (pública, e a única) nos lançava.

Fazíamos sem consciência de que aquele era o nosso maior trampolim, mas sem nunca tirar a bola de futebol debaixo do braço.

As salas eram poucas

mas com belíssimas estantes,

que guardavam livros que, aqui e ali, respondiam aos desafios que tínhamos.

Um dia,
que a memória não me permite lembrar qual,
a biblioteca (e tudo o que ela tinha) passou para a Casa
das Artes.

Lembro-me desse dia, e dessa primeira visita a este
edifício onde hoje estamos:

As estantes enormes, pareciam não ter fim –
nunca tinha visto tão grandes estantes!

A mesa de jornais e revistas, imensa, sempre
atuais - nem sabia existirem tantos;

Os livros que encerravam tanto conhecimento que
não havia pergunta que a Escola formulasse a que eles
não respondessem,

Deixávamos as mochilas cá em baixo com a
Liliana e, lá em cima, estava o Chico e tantos outros
prontos a mergulhar connosco naquele conhecimento
que parecia infinito;

A internet. Naquela sala ao fundo, as filas de
computadores, onde tantos, como eu, conheceram o mundo.

E os sonhos:

Os sonhos que víamos daquela enorme varanda
que apontava (e aponta) para as montanhas e **muito**
para além delas.

Nesse dia, não mudamos apenas para um espaço maior,

Para secretárias maiores
ou para mais salas.

Quando saímos da Rua Dr. Vaz Guedes para aqui,

o poder local,

as forças vivas e democráticas do concelho,

pegaram em mim e em tantos como eu e deram-nos ao mundo!

Esse poder local, que tem muitos dos seus obreiros nesta sala, é abril!

Então, quanto devemos, do que somos, a abril?

Devemos tudo.

Porque devemos a liberdade e ela, **repito**, é o primeiro de todos os nossos bens - sem ela todos os outros se tornam irrelevantes.

Somos filhos da sociedade livre que construímos e a ela tudo devemos.

Não existe riqueza material que a compre.

Não existem seres humanos plenos sem ela.

Sem a liberdade.

Social, Política, Económica, Individual.

- Sobre a segunda questão,

Que abril deixamos para os nossos filhos?

Pela voz de Vasco Gonçalves citando Salgueiro Maia, que se cante a Grândola no meu funeral para que alguns que a ele, convenientemente, ocorrerão, sejam **obrigados a cantar ou pelo menos ouvir!**

Para quem nasceu depois de abril, o que é abril?

Porque não o vivi, nunca conseguirei, com retratos, memórias ou interpretações, viver a diferença dos regimes.

Mas sei

Que é absolutamente impensável não poder conversar sobre o que bem entender;

Não poder opinar sobre um qualquer assunto;

Não poder discordar da opção política e pública;

Não poder divergir de quem governa;

Não poder participar nas opções do coletivo!

Se este mundo é abril, eu sou abril da cabeça aos pés!

Não há liberdade sem democracia,

Não há!

Mas pode haver democracia sem liberdade.

Aqui está o nosso maior desafio.

Existia em abril um sentido de comunidade que hoje nos parece distante e raro.

Não houve, em abril, consenso sobre o que se pretendia construir, mas isso não impediu a convergência nos valores fundamentais.

Por este motivo, ao celebrar abril,

Tenhamos a coragem de nos despir ^{des}preconceitos ideológicos que poluem as pequenas e as grandes opções,

Carreguemos na lapela um símbolo que é de todos,

Ouvir, sorrir e celebrar a intervenção de todos,

Reconhecer que o coletivo se fez do somatório dos contributos individuais, da divergência e da luta pela causa comum – **repito, causa comum!**

Nesta perda de sentido de comunidade emergem os que desafiam abril.

O debate torna inimigos os adversários de outrora,
Cega-nos quanto aos méritos do outro,
Quanto aos erros de nós próprios,
E entrega aos populistas a saída para a indignação ou
frustração da comunidade.

Cede na simplificação de temas complexos,
Afasta-nos da multiculturalidade que tanto mundo dá
aos mundos,

Transforma o espaço público numa arena onde o
individual prevalece sobre o coletivo.

Preferimos o aplauso da sala ao bem comum da
maioria,

Receámos a sombra do nosso próximo,
Gerimos o coletivo pela ambição individual.

A liberdade hoje

Não se inibe prendendo alguém,

Colocando a mão na boca de alguém.

A liberdade não se risca com lápis azul.

A liberdade também não se garante tendo as mesmas condições (teóricas) para os mesmos cidadãos.

É fundamental que

**Se diminuam os privilégios de partida,
independente do ponto de chegada que cada um
escolhe para si.**

A liberdade constrói-se nas pequenas coisas,

E a censura acobarda-se atrás delas.

Atrás

nosso nível educacional,

económico

cultural e social.

Está nas nossas casas, no prato, na pauta, na
prateleira, na televisão.

**E é aqui, nesta realidade tão nossa, tão única,
que o poder local faz e fará toda a diferença.**

Senhoras e Senhores,

Aqui, nesta Assembleia, reduto participação política e pública da vontade popular, fazemos um apelo:

conscientes das diferenças do meio para lá chegar,

que tenhamos a coragem, **A CORAGEM**, de convergir nos objetivos comuns capazes de transformar a vida de todos os que estão lá fora à nossa espera.

Isto será cumprir Abril para os nossos filhos!

Hoje fazemos 50 anos de abril.

Se me é dado o privilégio de representar o PSD neste discurso,

Recordo os que tanto fizeram,
Do PSD e de todas as forças políticas,
Recordo as forças vidas da nossa comunidade,
as associações recreativas e culturais,
as desportivas,
e tantas outras organizações

Que da sua atividade saem para a eternidade, adaptando o poeta.

Termino despedindo-me de todos,
que mais próximos ou distantes nas ideias,
que mais alinhados ou divergentes nas opções,
Celebremos o que nos une (nas palavras do Presidente Eanes)

E que nunca nos impeça de lutar pelo que sabemos ser o melhor para todos.

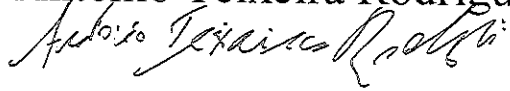
Viva o 25 de Abril!

Viva a Liberdade!

Viva Arcos de Valdevez!

Viva Portugal!

25 de abril de 2024

António Teixeira Rodrigues




Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmo. (s) Senhores Secretários

Exmo. Senhor Presidenta da Câmara Municipal

Exmo. (s) Senhores Vereadores

Exmo.(s) Senhores Deputados Municipais

Exmos. Senhores Presidentes de Junta

Ilustres Convidados

Minhas Senhoras e meus Senhores

Hoje, reunimo-nos aqui para celebrar um marco crucial na história da nossa nação: o quinquagésimo aniversário do 25 de abril, um dia que ficará para sempre gravado nos registos da liberdade e da democracia em Portugal.

Enquanto representante dos Presidentes de Junta, é com profundo respeito e admiração que olho para trás, para os eventos que culminaram nesse dia histórico. Embora à data dos acontecimentos tinha apenas dois anos de idade, compreendo plenamente a magnitude do que foi alcançado pelos heróis que lutaram incansavelmente pela liberdade e pelo direito do povo português a determinar o seu próprio destino.

Há meio século, o povo português ergueu-se contra um regime opressivo, desafiando a condição presente e defendendo os valores mais fundamentais da humanidade: liberdade, igualdade e justiça. O 25 de abril de 1974, não foi apenas uma revolução política, foi uma revolução de consciências, uma afirmação do poder coletivo da vontade popular.

Hoje, ao celebrarmos este aniversário, é imperativo não apenas lembrar os feitos daqueles que vieram antes de nós, mas também refletir sobre o legado que eles nos deixaram. O 25 de abril não foi o fim da jornada pela liberdade,

mas sim o começo de uma nova era de responsabilidade e compromisso para com os ideais democráticos.

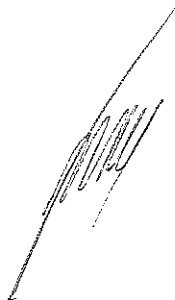


Neste momento crucial da nossa história, é importante que nos unamos em torno dos valores que tornaram possível a revolução de abril. Devemos reafirmar o nosso compromisso com a defesa da liberdade de expressão, da justiça social e dos direitos humanos. Devemos permanecer vigilantes contra qualquer tentativa de minar os alicerces da nossa democracia.

Como nos ensina a história do 25 de abril, a mudança é possível quando nos unimos em prol de um objetivo comum. Em Arcos de Valdevez, ao longo destes 50 anos, fizemo-lo brilhantemente e comprometo-me, em nome de todos os Presidentes de Junta que tenho a honra de representar, a continuar a trabalhar incansavelmente pela construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática. Que o espírito do 25 de abril nos inspire a todos a redobrar os nossos esforços na busca de um futuro melhor para as gerações vindouras.

Que viva o 25 de abril! Que viva Portugal!

Obrigado.



Exm.o Senhor Presidente da Câmara Municipal

Excelentíssimos Senhores Vereadores

Excelentíssimos Senhores Deputados Municipais

Excelentíssimos Senhores Presidentes de Junta de Freguesia

Excelentíssimos Representantes das Instituições que ao longo destes últimos 50 anos estiveram e estão ao serviço dos Arcuenses e que hoje homenageamos como reconhecimento pela sua ação em prol da comunidade

Excelentíssimos Convidados

Exm.º Sr. Presidente

Minhas Senhoras

Exm.ªs Senhoras

Meus Senhores

Exm.ºs Senhores
Exm.ºs Senhores

Comemoramos hoje os 50 Anos do 25 de abril, marco fundamental da história contemporânea de Portugal. Meio século de paz e democracia, período singular na história do nosso país. A III República, ou para muitos a II República, se não classificarmos como República o Regime do Estado Novo por cercear as liberdades e impedir eleições universais e livres, trouxe a Portugal a esperança e o sonho relativamente ao futuro. Recordamos hoje os jovens capitães que tornaram abril possível, num país mergulhado numa guerra colonial sem sentido, com elevadas taxas de analfabetismo, um país rural e pobre, com enormes desigualdades sociais que empurravam muita da sua população para a emigração. Um país de partido único, de política única que controlava todos os setores da sociedade, limitando direitos e restringindo liberdades. Esta arquitetura legal, suportada na Constituição de 1933 era a argamassa de um regime onnipotente na vida dos cidadãos através da polícia política, censurando a liberdade de expressão, vindo mesmo em termos judiciais a constituir os tribunais plenários para julgar delitos de opinião. Um dos pilares do Estado de Direito, a separação de poderes, não existia no Estado Novo. A União Nacional com todos os seus tentáculos era o Estado e o Estado era a União Nacional. Foi neste enquadramento de um Estado tentacular, que foi aperfeiçoando os seus mecanismos de opressão, que Portugal e os portugueses viveram um longo período de 48 anos. Um país isolado, em dessintonia com o tempo e os acontecimentos históricos que estavam a ocorrer, como o processo de descolonização levado a cabo pelos países europeus, a constituição em 18 de abril de 1951 da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, ou Tratado de Paris, precursora na criação da União Europeia ou as lutas de Maio de 1968 ocorridas em França e um pouco por toda a Europa, com protestos laborais e estudantis que tiveram igualmente repercussões no nosso país. Sinais de mudanças políticas e sociais que estavam a ocorrer no nosso continente às quais o Estado Novo não deu atenção, suportando a sua política no "orgulhosamente sós"

que tanto penalizou Portugal e os Portugueses. Foi a este país triste, cinzento e descrente quanto ao futuro a que abril trouxe esperança, tendo como pilar estruturante a liberdade. Estarmos hoje nesta sessão é deixarmos a nossa homenagem aqueles que tudo arriscaram para que abril fosse possível, à sua coragem que possibilitou vivermos este meio século em liberdade, com pluralismo e democracia. É um ganho civilizacional a que alguns infelizmente dão pouco valor, achando, erroneamente, que é um bem adquirido, um estado de normalidade. A história ensina-nos o contrário, nomeadamente a história recente em que a democracia e as liberdades são postas em causa com argumentação populista que mina e corrói o sistema democrático. Defender a liberdade, a democracia e o pluralismo é uma tarefa coletiva para a qual todos estamos convocados.

Abril trouxe alterações profundas ao funcionamento do sistema político com a introdução do princípio da separação de poderes, onde releva a autonomia do sistema Judicial como pilar da salvaguarda dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos. Implementou-se a liberdade de imprensa, aprofundando-se a mesma na década de oitenta com a privatização de vários órgãos de comunicação social, concedendo-se licenças a privados para a emissão televisiva. Generalizou-se o acesso à educação, massificando-se o sistema educativo no combate ao analfabetismo, investindo-se na qualificação dos Portugueses. Criou-se o sistema nacional de saúde e sua disseminação pelo território através dos cuidados primários de saúde. Instituiu-se um Estado de Direito Democrático com respeito pelos direitos dos cidadãos e pelo princípio da igualdade, nomeadamente em relação à mulher que deixou ter necessidade de autorização do Estado ou do marido para tomar decisões pessoais ou profissionais. Na realidade foram avanços impensáveis que hoje relativizamos pela sua normalidade, mas foram muitos os que sofreram para que esta normalidade fosse possível.

A nível local as alterações foram também profundas. Deixamos de ter um Presidente de Câmara nomeado pelo Governador Civil, e Presidentes de Junta de Freguesia nomeados pelo Presidente de Câmara. Instituiu-se, pela Constituição de 1976, a arquitetura do Poder Local, assente na legitimidade popular através de eleições livres. Eliminou-se, nas freguesias, a figura do Regedor com o poder político que detinha, ao ser nomeado pelo Presidentes da Câmara e ser seu representante na freguesia, detendo competências para fazer cumprir as ordens, deliberações e posturas municipais e os regulamentos de polícia, levantar autos de transgressão, auxiliar as autoridades policiais e judiciais, sempre com a preocupação de controle político que na essência esta figura detinha. Este era o Portugal de 24 de abril 1974, um regime corporativo que através da sua organização administrativa, política e judicial, suportada por uma polícia política, com agentes espalhados pelo território, tudo controlava, influenciava e decidia, mesmo ao nível da parcela administrativa mais ínfima do território, a freguesia.

Senhor Presidente da Câmara Municipal

Senhores Vereadores

Senhores Deputados Municipais

Senhores Presidentes de Junta de Freguesia

Excelentíssimos Convidados

Minhas Senhoras

Meus Senhores

Comemorar os 50 Anos da Revolução de Abril, é um dever cívico pela liberdade que nos trouxe e pelo Estado de Direito Democrático que a Constituição de 1976 consagrou, implementando a separação de poderes e consagrando a autonomia do poder judicial. O desenvolvimento e progresso alcançado em vários domínios como a educação, a saúde a coesão social, com a diminuição da pobreza, assim como a melhoria da infraestruturização do país ao nível básico e rodoviário, que contribuíram para uma maior coesão territorial, são bem o exemplo de indicadores que não tem paralelo noutro período da história do país. A nível local, com a criação do Poder Autárquico, é inegável o desenvolvimento alcançado em equipamentos e na infraestruturização que os territórios obtiveram através do trabalho desenvolvido pelas autarquias locais. O mesmo se verificou com a criação da Autonomias das Regiões Insulares dos Açores e da Madeira e o desenvolvimento que essa descentralização do poder político tem incrementado nas respetivas regiões. É inegável o impacto positivo que o Poder Autárquico e Autónómico tiveram no desenvolvimento do país e dos respetivos territórios, sendo esta uma opção política de abril, consagrada constitucionalmente em 1976. Contrariamente, a estruturação da administração e organização política do continente em Regiões Administrativas, apesar de consagradas constitucionalmente, nunca foram implementadas. O Poder Político centralista encontrou sempre todos os argumentos para evitar a descentralização através da criação das Regiões Administrativas. Os “Velhos do Restelo” falaram mais alto, fazendo ouvir a sua voz de receios e medos. O resultado do referendo à Regionalização do País, realizado em 8 de novembro de 1998, aprofundou o caminho do centralismo que se tem intensificado com a transformação das Comissões de Coordenação Regional em Institutos Públicos Especiais, absorvendo os Serviços Regionais de diversos setores, sendo o seu presidente eleito por um colégio eleitoral regional. Toda esta alteração tem sido desenvolvida por meio legislativo não contemplando a existência de representantes regionais com legitimidade política, obtida por sufrágio direto, através de eleições. A inexistência de um poder regional legitimado retira capacidade representativa e reivindicativa que muito penaliza as regiões, conforme é visível através da análise comparativa com as Regiões Autónomas ou com as Regiões do país vizinho. Este

défi ce de representatividade tem sido penalizador dos territórios, nomeadamente dos designados de baixa densidade, que sem representatividade política tem maior dificuldade em impor e executar a sua estratégia de desenvolvimento em termos de políticas territoriais com impacto social, económico ou cultural. Este estigma político está a adensar-se com a recessão demográfica que no presente ano teve igualmente consequências negativas em termos de défi ce de representatividade com a perda de um mandato para a Assembleia da República no círculo eleitoral de Viana do Castelo. Torna-se assim imperioso atender, na representatividade política, aos territórios, no sentido de inverter a tendência da sua desertificação. Territórios com pessoas sem capacidade de decisão sobre as estratégias do seu desenvolvimento adensam a sua desertificação. A descentralização, assente na legitimidade política, é um das ambições de abril que tarda em ser cumprida com impactos negativos no território

O Portugal de Abril é um país de sonhos e ambições, de dificuldades e desafios mas igualmente um país de liberdade de democracia e pluralismo. É justo deixar uma palavra de reconhecimento e gratidão aqueles que tornaram Portugal um país onde todos podem conviver democraticamente. Aos Capitães de abril pela sua ousadia na conquista da liberdade e a muitas personalidades que pela sua ação contribuíram para a implementação da democracia, entre as quais destacava Ramalho Eanes, Sá Carneiro e Mário Soares que, estou certo, a história recordará. Abril é um caminho que continua a ser percorrido, cujo o percurso feito deve ser revisitado, incutindo às novas gerações os valores da igualdade, liberdade, democracia, pluralismo na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Vale a pena comemorar os 50 Anos do 25 de abril, para que não esqueça, recordando que foi abril que nos deu o país democrata e livre onde temos, apesar das dificuldades, a felicidade de viver.

Tenho dito.